

## RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA A PARTIR DO ROMANCE *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO<sup>1</sup>

*Irenice de Oliveira Silva Santos<sup>1</sup>*

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales/FICS

*Maria Aparecida Antunes Moreira<sup>2</sup>*

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales/FICS

**Resumo:** Este trabalho pretende mostrar a pertinência do uso da literatura nas aulas de história, especificamente do Ensino Médio. A partir do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, traçou-se um paralelo entre a literatura e a história, explorando algumas questões retratadas no romance e relacionando-as com os acontecimentos e as ideias presentes na sociedade brasileira do período em que se passa a trama. O trabalho foi realizado com duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio em uma escola da rede estadual na cidade de Iuiu-BA. Primeiro, os alunos fizeram a leitura do romance, em seguida, foram utilizados vídeos e imagens retratando o período de transição da Monarquia para a República no Brasil, com ênfase na então capital do país, o Rio de Janeiro. Trechos e ideias presentes no romance foram utilizados para a compreensão dos eventos históricos e de correntes de pensamento no período que antecedeu à Proclamação da República no Brasil.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História; Literatura.

### Introdução

Este trabalho visa investigar o uso da literatura como auxiliar no processo de construção do conhecimento histórico, estabelecendo um paralelo entre o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo e o período de transição da Monarquia para a República no Brasil.

Tendo em vista que literatura constituiu-se numa ferramenta de investigação que auxilia o historiador no seu trabalho de reconstituição dos eventos históricos, é pertinente o seu uso como recurso metodológico nas aulas de história. A partir de autores como Roger Chartier e José Carlos Reis, procurou-se estabelecer um paralelo entre a história e a literatura, buscando associar o que os dois campos do saber tem em comum.

### Material e métodos

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de uma pesquisa de Mestrado em andamento e tem como objetivo investigar o uso da literatura como auxiliar no processo de construção do conhecimento histórico.

Esta pesquisa admite certo teor de pesquisa bibliográfica por ter sido realizada com base na utilização de um romance. Antônio Carlos Gil (2002) classifica as obras literárias como fontes de pesquisa bibliográfica, pois “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

Além do romance, recorreu-se à análise de diversos autores sobre a obra de Azevedo e seus aspectos que remetem às problematizações históricas do período em que se desenvolve o enredo do romance em questão. Também foi feito o levantamento bibliográfico de estudos que estabelecem relação entre história e literatura, bem como de pesquisas que utilizaram o romance *O Cortiço* como fonte de estudo para temas específicos.

## Resultados e discussão

O uso da literatura como fonte histórica se tornou possível desde a terceira geração do movimento dos *Annales* na França, a partir das décadas de 1970 e 1980, período em que a história se abriu para novas perspectivas, dialogando com outros campos do saber, de acordo com Roger Chartier (2002) e, tentando atingir o público “culto não-especializado”, segundo José Carlos Reis (2000).

Com a finalidade de diversificar a metodologia de ensino e utilizar novas formas de lidar com o conhecimento histórico na sala de aula, buscou-se verificar a possibilidade do uso de obras literárias nas aulas de história e criar meios eficazes de introduzi-las na prática pedagógica, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, com base nas ideias de Bovo (2018).

Conforme aponta Roger Chartier (2002), a literatura, assim como a história, trata de coisas que aconteceram (ou teriam acontecido) em um determinado tempo e espaço. Desse modo, apesar de a literatura ser fictícia e a história ter o seu compromisso com a realidade, ambas retratam uma determinada sociedade, com seu modo de viver, seus conflitos e suas ideias, de modo que as duas podem ter muito em comum.

O que diferencia a História da literatura é a finalidade de cada uma. Enquanto a primeira tem o objetivo de informar, transmitir conhecimento sobre o ocorrido com os homens no passado, a segunda tem fins de entretenimento, como afirma Roger Chartier (2002).

Segundo Andrade (1996) história e literatura aproximam-se principalmente pela importância do testemunho literário para a pesquisa histórica. Através da sua riqueza de

dados, a literatura possibilita captar aspectos do cotidiano, por meio de suas representações, auxiliando na análise dos eventos e dos processos históricos.

De acordo com Afrânio Coutinho (2004), o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, faz parte de um estilo literário surgido então na prosa, o Naturalismo, popularizado na França com o escritor Émile Zola por volta de 1850. A obra que marca o início dessa fase é *Thérèse Raquin*, publicada em 1867. As ideias naturalistas chegam ao Brasil a partir de 1870, com as obras *O primo Basílio* e *O crime do padre Amaro*, escritas por Eça de Queiroz, que influenciaram o brasileiro a escrever a obra inaugural do Naturalismo no país.

O Naturalismo é mostrado como um Realismo acrescido de alguns outros elementos, (fortalecendo-o diante do Realismo), que Afrânio Coutinho (2004) chama de “cunho científico”. Esse “cunho científico” é a influência exercida por algumas teorias correntes no século XX, como o *darwinismo social* e o determinismo, que se fazem notar em alguns romances enquadrados nesse estilo literário.

Seguindo a tendência Naturalista, o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo é tratado como um organismo vivo: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas” (AZEVEDO, 2001, p.35). Retrata as mazelas da sociedade carioca do período, estudadas pelo autor, que fazia questão de conviver com os grupos sobre os quais pretendia escrever, mostrando a realidade de forma escancarada.

O romance tem suas bases ideológicas nas teorias racistas em voga no período: *darwinismo social*, determinismo e positivismo. De acordo com Costa (1997), *darwinismo social* e positivismo convergem para a explicação das desigualdades sociais como processos naturais. Segundo esse modelo, alguns povos são mais evoluídos do que outros, por sua vez, atrasados e sem cultura.

O *darwinismo social*, ainda com base nas ideias de Costa (1997), pressupõe que as sociedades passam de um estágio inferior para outro superior. Sendo assim, uns enriquecem mais do que os outros porque são mais aptos para o trabalho. Os brancos europeus tem a capacidade intelectual mais desenvolvida, por isso são mais bem sucedidos, de acordo com o pensamento dos grupos sociais hegemônicos.

Esse pensamento deu suporte às teorias racistas de superioridade dos brancos e à criação de estereótipos para negros, índios, asiáticos e outros grupos étnicos que permanecem impregnados na mentalidade da população até os dias atuais e é bastante perceptível em diversos trechos do romance de Azevedo.

Publicado em 1890, o romance se passa nos anos finais da Monarquia no Brasil, retratando o período de transição da Monarquia para a República. De acordo com Coutinho, este é “o melhor romance de aglomerado urbano da literatura brasileira” (COUTINHO, 2004, p. 79), onde ele mostra a diversidade popular da capital do império no decorrer da segunda metade do século XIX, bem como seus problemas sociais e econômicos, seus aspectos culturais, étnicos, políticos, enfim, as nuances da vida dos diversos tipos de brasileiros na sociedade retratada.

Azevedo mostra no seu romance uma sociedade heterogênea, composta por uma mistura de cores, credos, culturas, e condições financeiras diferentes. No mesmo ambiente convivem portugueses, italianos, ex-escravos, escravos, brasileiros pobres, mulatos, mestiços, cujas histórias se entrelaçam com as histórias de uma família rica que consegue um título de nobreza.

Tendo em vista a importância da leitura para o processo de escolarização, a leitura do romance foi realizada antes e no decorrer das discussões sobre o tema. Os alunos utilizaram várias edições do livro. Há edições maiores, mais completas e outras, chamadas de “versões para leitores iniciantes”, mais resumidas e algumas até ilustradas.

Alguns leram a obra toda em versões mais amplas, com um maior número de páginas. Outros leram apenas parcialmente, alegando falta de tempo, apesar de ter sido disponibilizado um prazo de mais de dois meses para a realização da leitura. Outros ainda leram só o resumo retirado de sites na internet.

A partir das respostas dos alunos a um questionário aplicado após as discussões em sala de aula, foi feita uma comparação entre estas respostas e as características da sociedade brasileira do período, com base no estudo de obras de historiadores como Gilberto Freyre.

As questões abordadas remetem aos seguintes aspectos da sociedade brasileira no período de transição da Monarquia para a República:

1 – Características das pessoas e dos diferentes grupos sociais que compunham a população do cortiço; grupos sociais que o habitavam: portugueses, negros livres, mulatos, imigrantes, dentre outros.

Amparados em estudos de historiadores, a partir das respostas dos alunos, podemos afirmar que eles conseguiram compreender quem eram os grupos sociais que compunham a população dos cortiços cariocas.

O certo é que no Rio de Janeiro, com os padres, os frades e os ricos, donos de verdadeiras fazendas dentro da cidade, e as populações pobres forçadas a habitarem pequenos espaços de terra desprezíveis, os cortiços desenvolviam-se de tal modo a ponto de em 1869 existirem 642, com 9.671 quartos habitados por 21.929 pessoas: 13.555 homens e 8.374 mulheres; 16.852 adultos e 5.077 menores. A porcentagem dos cortiços era de 3,10% e a da sua população de 9,65%, elevando-se em 1888 a 3,96% e 11,72%. (FREYRE, 1998, p. 182)

O renomado historiador Gilberto Freyre mostra a evolução dos cortiços cariocas na segunda metade do século XIX. Nota-se que a quantidade de homens é maior do que a de mulheres e crianças. Deve-se talvez ao fato de os cortiços abrigarem muitos trabalhadores, até imigrantes que vieram para o Brasil em busca de trabalho.

Há um contraste entre o cortiço e o sobrado e o tipo de residência define a situação financeira de quem nele habita. O cortiço é pequeno, de tamanho “desprezível”, o que dá a entender que a população que nele habita não tem condição de arcar com os custos de uma habitação com um pouco mais de conforto.

As respostas dadas pelos alunos vão de encontro com as palavras de Freyre, que deixa clara a situação de pobreza dos habitantes desse tipo de moradia.

Ao responder que quem vive no cortiço não tem “condições financeiras de bancar uma casa”, os alunos perceberam que as condições de habitação são tão precárias que eles nem enquadraram esse tipo de habitação na categoria “casa”. É uma habitação de categoria inferior, não tem o conforto necessário para ser classificada como tal. Ou seja, seus habitantes eram uma população muito pobre.

A diversidade de pessoas que habitavam o local revela que a condição de pobreza atingiu vários grupos sociais. Segundo os alunos, esses grupos eram “as classes mais baixas e pobres, como por exemplo: ex-escravos, lavadeiras, comerciantes, pessoas que trabalhavam na pedreira, prostitutas, italianos”.

2 – Comparação entre as figuras femininas de Bertoleza, escrava de João Romão com a de D. Estela, esposa adúltera de Miranda e Rita baiana, mulata livre lavadeira, observando as diferenças entre elas.

Ao descrever três das personagens femininas do romance, os alunos notaram a diferença social entre elas: “Bertoleza – trabalhadora, fazia de tudo para ajudar o seu amante João Romão a acumular riquezas e ela era uma ex-escrava; D. Estela – tinha uma classe alta, arrumava jeito de trair o marido sempre que podia; Rita baiana – lavadeira que sempre que podia estava nas farras e roda de samba”

Aqui os alunos perceberam a diferença social entre as personagens: a ex-escrava (ou escrava), a mulher rica, “de classe alta” e a lavadeira. Cada uma pertence a um grupo social diferente, no qual Bertoleza se encontra no nível hierarquicamente mais baixo, Rita estaria em uma posição intermediária, pois, apesar de pobre, não era escrava, além do mais, existia também uma hierarquia de cor na qual os mulatos estavam acima dos negros, e dona Estela, em uma escala superior, branca e rica.

Como cada uma das três mulheres cuja caracterização foi solicitada era de uma cor, esse fato não passou despercebido pelos alunos: “Bertoleza era uma mulher negra escrava que trabalhava de domingo a domingo tornando-se submissa a João Romão, já Dona Estela mulher brasileira de pele branca, casada com Miranda, com o decorrer da história torna-se baronesa, persuasiva e adúltera. Rita Baiana mulher mulata que, extravagante e gananciosa, dona de si”.

É possível perceber o estereótipo construído para a mulher brasileira: a negra para o trabalho, a mulata sensual e a branca para ser mãe de família, apesar de sua moral duvidosa, neste caso.

Existe no romance um estereótipo de mulher que é definido de acordo com a sua cor: Bertoleza, a negra, para o trabalho; Rita, a mulata, para a diversão e Dona Estela, a branca, para o casamento, o que se confirma através dos relatos de historiadores: “Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar’” (FREYRE, 2005, p. 72).

Esse estereótipo é muito presente na obra de Gilberto Freyre e parece que também na mentalidade da população brasileira do período. Em seu outro ensaio, Freyre afirma:

à mulata, pela sugestão sexual não só dos olhos como do modo de andar e do jeito de sorrir, alguns acham até que dos pés, porventura mais nervosos que os das brancas e os das negras; dos dedos da mão, mais sábios que os das brancas, tanto nos cafunés e nas extrações de bichos-de-pé nos sinhôs-moços como noutros agrados afrodisíacos; do sexo, dizem que em geral mais adstringente que o da branca; do cheiro de carne, afirmam certos volutuosos que todo especial na sua provocação – à mulata, por todos esses motivos, já se tem atribuído, um tanto precipitadamente e em nome da ciência ainda tão verde e em começo como a sexologia, uma como ‘superexcitação sexual’, que faria dela uma anormal; e do ponto de vista da moral europeia e Católica, uma grande e perigosa amoral. Por essa superexcitação, verdadeira ou não, de sexo, a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos do gozo, e não apenas o comum. (FREYRE, 1998, p. 601-602)

A mulata representa um convite para o sexo, da cabeça aos pés. Cada parte do seu corpo é mais sensual, mais erótico que o das outras mulheres de outras cores. É vista como algo fora do comum, “anormal”. Todos os seus gestos são cheios de lascívia, o que a torna objeto de desejo dos homens que procuram satisfazer seus desejos carnisais.

Enquanto a mulata é sensualidade e sexualidade, a negra é força de trabalho:

...das pretas, principalmente as Minas, representarem considerável valor econômico: mãos de lavadeira, de boleira, de doceira, de cozinheira, de fabricante de bonecas de pano, capazes de auxiliar nas suas primeiras lutas de imigrantes pobres. (FREYRE, 1998, p. 607)

Da mesma forma que o corpo da mulata é todo um convite para o sexo, o corpo da negra é para o trabalho. Enquanto as mãos de uma são para o cafuné, as da outra são para todas as atividades que possam gerar renda.

Rita Baiana e Bertoleza representam perfeitamente o padrão estabelecido na mentalidade das pessoas acerca do “uso” da mulata para o sexo e da negra para o trabalho.

De acordo com os alunos, a cor e a condição de escrava torna a vida de Bertoleza mais difícil do que a das outras mulheres, “Bertoleza, que era escrava de João Romão, levava uma vida mais difícil que as outras por ser negra e não ter a sua alforria”.

A liberdade para Bertoleza era a liberdade do cativo. Ela acreditava-se alforriada, mas trabalhava como escrava para João Romão, como perceberam os alunos: “Bertoleza era uma mulher trabalhadora que apesar de João Romão ter supostamente a ‘libertado’ com uma carta de alforria falsa, ela trabalhava como uma escrava para ele”.

Em uma situação completamente diferente das outras duas encontra-se Dona Estela. Segundo os alunos, “D. Estela era uma mulher adúltera que vivia traindo o seu marido, que a não deixava porque ela tinha um dote, e ele não queria perder sua posição social”, e, “como esposa de Miranda, vivia em boas condições, era muito respeitada, tinha tudo que queria”.

Apesar de trair o marido, era respeitada em decorrência de sua posição social e condição financeira, ao contrário de Rita, que tinha um comportamento considerado inadequado e era vista como prostituta.

Miranda sempre soube da traição de sua esposa, mudou-se para um local afastado justamente para dificultar o convívio da esposa com outros homens. Apesar de ciente dos fatos, ele aceita e faz vistas grossas, pois veio para o Brasil e conseguiu ascensão social através do casamento. Sua riqueza advinha da família de sua mulher. Seu prestígio devia-se a ela.

Em uma comparação entre Bertoleza e dona Estela, é notável que o que define a forma como são tratadas pela sociedade não advém de sua postura, mas de sua condição social: “Bertoleza (...) não era respeitada como mulher, mas se comportava como uma”.

Dona Estela tinha um comportamento reprovável, o adultério, mas era respeitada, enquanto Bertoleza não era respeitada, apesar de se “comportar bem”, sendo fiel e leal a João Romão.

3 - Descrição dos principais cenários mostrados no romance e comentário sobre os grupos sociais em que eles estão inseridos: O cortiço X O sobrado.

Azevedo mostra que enquanto o sobrado era habitado apenas pela pequena família do Miranda e alguns poucos agregados, no cortiço “O número de hóspedes crescia; os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas” (AZEVEDO, 2001, p. 131). A análise dessa questão remete às desigualdades sociais, com ênfase na segregação sócio-espacial que ocorria no período em questão.

Em *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre (1998) descreve os cortiços cariocas, as condições do espaço, como as pessoas viviam ali e faz uma comparação com os sobrados, as casas grandes da cidade, residência da população mais abastada.

Azevedo Pimentel, em 1884, encontrou no Rio de Janeiro cortiços que nem os das cidades européias mais congestionadas. As primeiras ‘cabeças-de-porco’ com espaços livres quase ridículos, de tão pequenos, onde se lavava roupa, se criava suíno, onde mal se respirava, tantas eram as camadas de gente que formavam sua população compacta, comprimida, angustiada. Uma latrina para dezenas de pessoas. Enquanto isto, havia na área urbana gente morando em casas assobradadas, com cafezais e matas, águas e gado dentro dos sítios. Famílias onde cada um tinha seu penico de louça cor-de-rosa ou então sua touça de bananeira, no sítio vasto, para defecar à vontade. (FREYRE, 1998, p. 234)

Esta passagem mostra o antagonismo entre o sobrado e o cortiço, que os alunos notaram ao afirmarem que o sobrado era uma “mansão com muitos quartos espaçosos e com regalias. Possuía um salão de festas, um enorme jardim, com uma sala de jantar onde recebiam importantes convidados”, ou ainda que ele “representava as classes mais altas, de pessoas de famílias ricas, que possuem um grande capital, não viviam tendo que dividir o espaço, como banheiro e tanques de lavagem, cada um tinha suas próprias comodidades, e não viviam a dividir o que tinham, como era no cortiço”.

Assim como no relato de Gilberto Freyre (1998) chamou a atenção dos alunos o fato de muitos moradores dos cortiços terem que dividir o mesmo banheiro, segundo eles, o

cortiço “era pequeno, tinha que pegar fila para o banheiro e para lavar as roupas, vivia mais as pessoas de classe baixa”, sendo notável o desconforto de viver em semelhantes condições, caracterização que remete à seguinte passagem do romance:

as portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (AZEVEDO, 2001, p. 36)

Pelas condições do banheiro já é possível perceber o desconforto de se viver em tal lugar, submetendo-se a tais condições apenas as pessoas que não tinham possibilidade de morar melhor.

Sobre as condições físicas dos cortiços, estes são “habitações imundas. Cortiços onde as condições de vida chegavam a ser sub-humanas” (FREYRE, 1998, p. 182).

A percepção que os alunos tiveram ao realizarem a leitura do romance não foi muito diferente da versão dada pelo renomado historiador.

Alguns alunos caracterizaram o cortiço como “um agrupamento de pequenas casinhas, onde as pessoas dividiam uma mesma lavanderia, uma pia, dividiam o banheiro, por serem de classes sociais mais baixas, por o cortiço ser mais barato e mais acessível”.

As condições “sub-humanas” mencionadas por Freyre só são aceitas por essas pessoas devido ao fato de que eles não possuíam condições econômicas de custear algo melhor. Daí o aluno afirmar que essas pessoas aí habitavam por “ser mais barato e acessível”.

O cortiço também foi caracterizado pelos alunos como um “lugar onde não havia saneamento básico, infraestrutura péssima e superlotação”. E ainda como um local “constituído de casas em péssimas condições, onde habitavam várias pessoas em um espaço pequeno, todos que lá habitavam tinham uma classe muito inferior, pois essa era a única opção que eles tinham”.

4 - Relação entre o romance e o *darwinismo social*, tendo em vista que o naturalismo, estilo literário em que se encaixa o romance O Cortiço, tem como uma de suas características, o cientificismo, e foi influenciado pelas ideias do Darwinismo Social de Herbert Spencer, que afirma a supremacia dos brancos em relação aos negros e mulatos.

Há no romance vários exemplos dessa ideia de superioridade de algumas “raças” em detrimento de outras, como no trecho em que Azevedo afirma que a personagem “Bertoleza

não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (AZEVEDO, 2001, p.16).

De acordo com os alunos, “Bertoleza que era negra queria se casar com um português porque naquela época os negros eram vistos como preguiçosos e burros”. Esse pensamento vai de encontro com o que diz Nina Rodrigues:

Se conhecemos homens negros ou de cor de indubitável merecimento e credores de estima e respeito, não há de obstar esse fato o reconhecimento desta verdade – que até hoje não se puderam os negros constituir em povos civilizados. (RODRIGUES, 2010 p. 12)

Se os negros não conseguiram se tornar civilizados, de acordo com o pensamento vigente na época, é por falta de capacidade intelectual. Em outro ensaio, o próprio Nina Rodrigues reforça que “o estudo das raças inferiores tem fornecido à ciência exemplos bem observados dessa incapacidade orgânica, cerebral” (RODRIGUES, 2011 p. 4).

Além de se referir aos negros como “raça inferior”, Rodrigues atribui-lhes além de inferioridade cultural, inferioridade biológica. O seu suposto atraso não é apenas em decorrência dos modos de viver mais afastados das tecnologias e do mundo industrializado, considerado pelo ocidente como avançado. O seu atraso, é também de caráter biológico. O seu cérebro não tem as mesmas aptidões que o cérebro do homem branco.

A leitura do romance de Azevedo proporcionou essa mesma impressão aos alunos, ao relatarem que “Bertoleza concorda de braços abertos a morar com um português porque aquela época eles tinham a concepção de que os brancos tinham disposição para trabalhar e tinha uma inteligência superior aos negros”.

Os alunos identificaram características do *darwinismo social* ao afirmarem que “os homens negros não eram considerados bons e capacitados a ter sucesso e os brancos eram superiores” e “tinham mais chance de uma vida boa, por isso as próprias negras, mulatas, cafuzas, preferiam se sujeitar a estes, considerados de raça superior”, pensamento que vai de encontro com as afirmações de Nina Rodrigues.

A inferioridade dos negros diante dos brancos era vista com naturalidade na época, inclusive com sustentação científica.

Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções. (RODRIGUES, 2010, p. 12)

Existiam fundamentos científicos para justificar a inferioridade dos negros e de outras etnias diante dos brancos. Rodrigues, em seus escritos, utiliza com muita frequência o termo “raça inferior” para referir-se aos negros e índios brasileiros.

Quando os alunos afirmam que “até mesmo Bertoleza se acha inferior e preconceituosa com sua própria raça”, remetem a um problema que Jessé Souza (2017) sinalizou em *A elite do atraso*, que é o da criação de uma hierarquia moral na qual o negro vale menos. Essa inferiorização do outro acontece de tal modo a se tornar natural, invisível. Para Souza,

se essa hierarquia moral é invisível para nós, seus efeitos, ao contrário, são muitíssimo visíveis. O mesmo esquema possibilita que o branco se oponha ao negro como superior também pré-reflexivamente. Mesmo as supostas virtudes do negro são ambíguas, posto que o animalizam com a força física e o apetite sexual. O grande problema dessas hierarquias é que se tornam invisíveis e pré-reflexivas, é sua enorme eficácia para colonizar a mente e o coração também de quem é inferiorizado e oprimido. (SOUZA, 2017, p. 18)

Se Bertoleza é, como os alunos dizem, “preconceituosa com a sua própria raça”, é porque além da colonização tradicional, do corpo, da exploração da sua força de trabalho, ela também já teve a mente e o coração colonizados, se sente inferior pois todos assim o dizem e fazem-na acreditar e se sentir dessa forma.

5 - A transformação ocorrida com Jerônimo e o termo “abrasileirou-se” utilizado pelo autor.

O pensamento determinista do período em que o romance foi escrito propagava a ideia de que o meio influenciava as ações das pessoas. Jerônimo, português, é apresentado inicialmente com características positivas: perseverante, habilidoso, honesto, trabalhador...

Após a estadia no cortiço e a convivência com Rita Baiana, o caráter dele vai se degradando e, segundo o romance, Jerônimo “abrasileirou-se”, “fez-se preguiçoso”. O autor do romance, seguindo a tendência do determinismo, atribui a degeneração do caráter do personagem à convivência com brasileiros, o meio determina o caráter e as ações das pessoas.

Segundo Coutinho (2004), o historiador Hippolyte Adolphe Taine, a partir das ideias positivistas, acreditava que o espírito humano era definido por três aspectos: a raça, o meio social e o momento histórico.

*O Cortiço* segue a tendência naturalista de que o homem é produto determinado pelo meio, pela raça e pela história. As personagens vão se degradando à medida em que vão convivendo em um meio que é propício a tais circunstâncias.

Miranda casa-se com uma brasileira de família rica e prospera; João Romão abandona a escrava e casa-se com a filha de Miranda, conseguindo, além do dinheiro que já possuía, prestígio, mas “Jerônimo abraçileirou-se”, ao conviver com Rita baiana.

O português Jerônimo, ao chegar no cortiço, possuía um caráter exímio:

Era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. [...] principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. (AZEVEDO, 2001, p. 53)

Jerônimo é apresentado inicialmente como um homem honesto, trabalhador, habilidoso. Seu caráter é digno de elogios e até o próprio João Romão, apesar de mesquinho, reconhece que vale a pena pagar um pouco mais pelo trabalho de um homem como Jerônimo.

Porém, após a estadia no cortiço e a convivência com Rita baiana, o caráter dele vai se degradando: “A sua energia afrouxava lentamente [...] mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se [...]” (AZEVEDO, 2001, p.85 e 86).

Até que essa transformação se completa: “O português abraçileirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento.” (AZEVEDO, 2001, p.175).

É nítida a conotação negativa que Azevedo emprega ao termo “abraçileirar-se”. Um homem que possuía as qualidades a ele atribuídas ao chegar de Portugal, se vê completamente transformado após sua estadia no Brasil, sua convivência no cortiço e com Rita.

De habilidoso, honesto e perseverante Jerônimo passa a preguiçoso, trai a mulher, começa a faltar ao trabalho, como observa os alunos: “quando ele era português era perseverante, observador de bom caráter e honesto. E depois de se tornar brasileiro ficou preguiçoso e extravagante”.

Até seus hábitos alimentares sofrem mudança, deixa o chá e passa a beber café e cachaça.

Os alunos perceberam o aspecto negativo do termo “abraçileirar-se” ao afirmarem que “pessoas brasileiras tinha a fama de preguiçosos, invejosos, sem etiqueta, então ele aprendeu tudo isso convivendo com pessoas assim, abraçileirando-se”, ou então, “o autor quis passar

uma mensagem de que ele pegou os costumes do Brasil, preguiça, abusar, gastar mais do que guardar, beber etc”, e ainda “tirando a pureza portuguesa e adquirindo os defeitos brasileiros”.

O português era puro e honesto, enquanto vivia com os hábitos e costumes trazidos de Portugal. Quando se torna brasileiro, de fato, Jerônimo é só defeitos.

Essa mudança no caráter de Jerônimo, que era por natureza bom, honesto e trabalhador, dentre outras características do português branco, vai se manifestando a partir da convivência degradante com o meio, que é o cortiço. O meio influencia as atitudes do homem e determina a sua reação.

Não se nega, porém, que o clima por se ou, através de fatos sociais ou econômicos por ele condicionados, predisponha os habitantes dos países quentes a doenças raras ou desconhecidas nos países de clima frio. Que diminua-lhes a capacidade de trabalho. Que os excite aos crimes contra a pessoa. Do mesmo modo que parece demonstrado resistirem umas raças melhor do que outras a certas influências patogênicas peculiares, caráter ou intensidade do clima tropical. (FREYRE, 2005, p.75)

Muitos estudiosos do período atribuíam ao clima tropical uma série de eventos que contribuíam para o que eles chamavam de “atraso” de algumas sociedades. Desde doenças até desvios de caráter, tudo era atribuído ao calor dos trópicos. Sendo assim, as pessoas que vivem nos trópicos estariam mais propícias não só a degradações físicas como também morais.

Gilberto Freyre é enfático nesse assunto, para ele, “certos climas estimulam o homem a maiores esforços e conseqüentemente a maior produtividade; outros, o enlanguescem” (FREYRE, 2005, p. 403). Foi o que aconteceu com Jerônimo no Brasil, tornou-se preguiçoso.

Além do clima, Jerônimo sofreu também a influência do cortiço. Para os alunos “ele se transformou por causa do cortiço onde as pessoas eram preguiçosas e isso acomodou ele, e a conviver com os costumes dessas pessoas”.

6 - O modo como os negros e mulatos eram retratados no romance, com a utilização de estereótipos como “covarde” e passivo, ao se referir aos negros.

O negro era visto como preguiçoso, indolente, mal cheiroso, dentre outras inúmeras características negativas que deram margem para chacotas e piadas que são reproduzidas até hoje. “Aos escravos e seus descendentes foi deixado o achaque, o deboche cotidiano, a piada suja, a provocação tolerada e incentivada por todas as agressões e até assassinatos impunes” (SOUZA, 2017, p. 59).

Além da chacota, o negro teve que conviver com a sua capacidade intelectual questionada. “Nina Rodrigues foi dos que acreditaram na lenda da inaptidão do negro para todo surto intelectual. E não admitia a possibilidade do negro elevar-se até o catolicismo” (FREYRE, 2005, p. 440).

O negro era como um animal de carga, servindo apenas para o serviço físico, sendo incapacitado para qualquer outra atividade, não era digno nem de praticar a religião dos brancos, era incapaz de práticas religiosas consideradas mais elevadas.

Com relação a esse aspecto, os alunos afirmaram que “eles eram mais preguiçosos, com menos força e menos capacidade para pensar, eles não podiam enriquecer, os próprios negros e mulatos se tratavam como inferiores”, e que eram tratados “como escravos, gente que só prestava para servir aos brancos nos afazeres de casa, ou eram prostitutas”.

Ser negro era quase uma maldição, um mal para o qual não havia cura, um câncer social.

Naturalmente o padre-mestre era quase um purista, desejando uma língua de casa-grande ou de sobrado que não tivesse mancha de fala de negro. Que não se deixasse salpicar pelo sujo das senzalas nem pela lama preta dos mucambos. (FREYRE, 1998, p. 181)

Até o vocabulário do negro era amaldiçoado e deveria ser varrido do português brasileiro. Tudo o que lembra a senzala ou o mucambo, a moradia dos negros e mulatos era considerado sujo, impuro.

Nascer negro era algo muito ruim, uma falta de sorte, pois eles “eram considerados uma classe inferior, uma raça de pessoas fracas que não sabiam fazer as coisas”, segundo os alunos.

O próprio negro sentia isso e se entristecia com a sua condição. Ao se referir ao poeta Gonçalves Dias, Gilberto Freyre faz a seguinte observação:

O poeta cafuzo foi uma ferida sempre sangrando embora escondida pelo *croisé* de doutor. Sensível à inferioridade de sua origem, ao estigma de sua cor, aos traços negróides gritando-lhe sempre do espelho: ‘lembra-te que és mulato’. (FREYRE, 1998, p. 589)

Apesar de fazer parte de uma geração em que já existia um grupo de mulatos bem-sucedidos - muitos deles filhos ilegítimos de homens brancos de prestígio social, com negras ou mulatas – alguns até bacharéis, o estigma da cor ainda atormentava muitos desses homens.

O fato de ser mulato ainda era elemento de diferenciação social, que os colocava em uma posição inferior diante dos brancos.

O trecho do romance que caracteriza Bertoleza como “covarde” e afirma que “seus pais a deixaram nascer e crescer no cativeiro” atribui aos seus pais uma responsabilidade impossível de ser cumprida. O escravo era o culpado pela sua condição, se ela era covarde foi porque eles assim o permitiram.

Os alunos conseguiram perceber isso ao afirmarem que “no trecho que fala que deixaram nascer e crescer no cativeiro, ela não tinha escolha nenhuma porque era escrava”.

### Considerações finais

A partir do trabalho realizado, pode-se afirmar que é possível utilizar a literatura como recurso didático nas aulas de história, como defendem os historiadores da vertente da *Nouvelle histoire*.

As discussões e avaliações realizadas em sala de aula possibilitaram que os alunos estudados conseguissem estabelecer paralelos entre trechos do romance e características da realidade social do período estudado, como mostra as respostas dos questionários por eles respondidos. Da mesma forma foi possível também explorar diversos temas pertinentes à história do período, como as desigualdades sociais e sócio-espaciais, desigualdades de gênero, cor, preconceitos de raça e lugar, dentre outros aspectos considerados relevantes.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **A literatura no ensino da história da Bahia**: a obra de Jorge Amado. Sitientibus. Feira de Santana, n.14, p. 09-21, 1996.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 2001.

BOVO, Marcos Clair. **Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação**. Revista Urutágua. Revista acadêmica multidisciplinar - número 07 ago/set/out/nov – Maringá – Paraná – Brasil ISSN 1519.6178 Retirado de: <http://www.urutagua.uem.br/007/07bovo.pdf>  
Acesso em: 15 de julho de 2018.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

COSTA, Cristina. **Sociologia** – Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos**: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

## Sobre o(a/s) autor(a/s)

### Autor 1

Mestranda em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. Atua como professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Iuiu – BA, Brasil. E-mail: irenicegbi@yahoo.com.br

### Autor 2

Doutora em Ciências da Educação pela UEP - Universidade Evangélica do Paraguai – Assunção – Paraguai. Atua como professora orientadora de tese de mestrado do Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales na cidade de Guanambi - BA, Brasil. E-mail: ciddamoreira@bol.com.br